



## PÁSSAROS NA MÃO, ALTOS VOOS A REALIZAR

**Luciana Leiderfarb**

Sobre o VIII Encontro Internacional de Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano que teve lugar a 17 de novembro 2018 na Fundação Calouste Gulbenkian.

### PARCERIAS



**LAMCI**

LABORATÓRIO DE  
MÚSICA E COMUNICAÇÃO  
NA INFÂNCIA



### FINANCIAMENTO



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

60  
ANOS

### APOIOS



**dgARTES**  
DIREÇÃO GERAL  
DAS ARTES



**ICSH**  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS



**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

## **Pássaros na mão, altos voos a realizar**

Por Luciana Leiderfarb<sup>1</sup>

O VIII Encontro Internacional de Arte para a Infância e Desenvolvimento Humano, que decorreu a 17 de novembro de 2018, fechou um ciclo com o lançamento de um livro e um balanço da obra feita.

Existem ocasiões em que é melhor começar pelo fim. Pelo balanço do que se fez. É deste modo que o VIII Encontro Internacional de Arte para a Infância e Desenvolvimento Humano, que decorreu a 17 de novembro de 2018, teve início: a falar das experiências e das aprendizagens que tiveram necessariamente de acontecer para se chegar até aqui. A apresentar os resultados num livro para guardar, saborear, reavivar o fogo e continuar. E a agradecer àqueles que, com o seu apoio incondicional, o permitiram. Por isso, a primeira palavra coube a Manuel Carmelo Rosa, diretor do Serviço de Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, quem reconheceu que “os primeiros anos de vida são os mais importantes para o que o ser humano será no futuro” e se pronunciou contra “uma visão funcionalista – e ultrapassada – do sistema educativo”, em prol de um ensino emocional, “que prepara para a vida e não apenas para a entrada no mercado de trabalho”.

O que somos, começamos a sê-lo desde a primeira respiração, o primeiro som. Começamos a ser muito antes de sabermos quem somos, e não o sabendo, vamos sendo o que viremos a ser.

A sala que acolheu os trabalhos tinha desta vez um piano, um conjunto de altifalantes e um móbil carregado de pássaros em Origami. Tinha a música, a pulsão de comunicar e o caráter imprevisível desse voo. Helena Rodrigues, uma das anfitriãs, quis que ao arranque não faltasse um pouco da história destes encontros, e daquilo que desde sempre os impulsionou. De Edwin Gordon e a sua vinda a Portugal em 1994, e das sementes por si lançadas. De um “percurso marginal e instituído” que ganhou força em 2000, a partir da colheita de Colwyn Trevarthen, que ofereceu “novas dimensões e perspetivas” para fazer o caminho. Helena conta como um

---

<sup>1</sup> Natural de Buenos Aires, licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Iniciou-se no jornalismo em 1992, no Jornal de Letras, tendo nos anos seguintes colaborado com a RDP e com as revistas “Grande Reportagem” e “Ler”, entre outras. Dedicou-se também à tradução. Escreve no “Expresso” desde 1996.

dia, em Edimburgo, Colwyn fixou os olhos num bando de pássaros e disse: “Eles estão a voar em grupo, não sabem para onde vão, e mesmo assim mantêm a sua individualidade.”

Fixando os olhos na terra, Tolentino Mendonça escreveu que “não podemos deixar de desejar, e de desejar ardentemente, que flores selvagens, flores de que não conhecemos o nome, venham também florir à nossa porta”. Todos temos, recordou Helena Rodrigues, uma pequenina flor selvagem, “uma partícula” que faz sentido integrada no bando de pássaros. E que só faz sentido assim.

### **Colwyn, o biólogo musical**

A intervenção deste professor jubilado da Universidade de Edimburgo, que passou a vida a investigar o desenvolvimento do cérebro e as formas de comunicação nos bebés, trouxe o olhar do biólogo sobre fenómenos a que costumamos atribuir uma origem cultural. Trouxe, sobretudo, a percepção de que “uma criança nasce à procura de alegria e de contacto humano” – nasce tendo em si as ferramentas para a comunicação e para a arte, e utiliza-as desde os primeiros momentos de vida.

Colwyn Trevarthen não se limitou a expressar as suas conclusões. Mostrou-as em vídeo, de forma a que também pudéssemos sentir o espanto da descoberta. Apresentou-nos Ava, que com apenas uma hora de vida, nos braços do pai, coordenava olhos e cabeça para entabuar uma conversa ávida com a mãe. Mostrou-nos Eleanor, uma recém-nascida a insistir para ser percebida e a infletir a voz de maneira a consegui-lo – a empreender, enfim, uma proto-conversa contendo já todas as particularidades de uma conversa adulta. Há 50 anos, contou Trevarthen, Olga Maratos “provou a Jean Piaget que os bebés podem imitar. Mas ele não estava interessado na comunicação humana, e sim na inteligência”. Como biólogo, Colwyn também se concentra em perceber o que se faz. E tal não se esgota, diz, citando Whitehead, na mera compreensão da ferramenta.

Como é possível um bebé compreender a linguagem, os princípios da sintaxe e da prosódia? Como é possível ele querer desde tão cedo fazer parte de uma existência partilhada entre dois seres independentes? Como é possível um prematuro que nasceu três meses antes do termo vocalizar para o pai, junto dele, em alternância e em harmonia com ele? “Os bebés nascem com os ritmos que terão enquanto adultos e estão prontos para os partilhar intencionalmente. São pessoas humanas completas, não um projeto”, respondeu Trevarthen, trazendo as ressonâncias de outros que também estudaram o tema e disseram que “nascemos com uma

consciência do outro”, como o filósofo Martin Buber; ou que uma conversa com um bebê possui a estrutura de uma conversa entre adultos, como o músico Stephen Malloch - com quem Colwyn editou o livro “Communicative Musicality: Exploring the Basis of Human Companionship”.

Nada acontece por acaso. O psiquiatra Daniel Stern, que em criança passou muito tempo em hospitais “a ver adultos a não perceberem as crianças”, viria mais tarde a investigar a existência - e a importância - de uma comunicação não verbal e emocional, de uma “vitalidade dinâmica”. “Recebemos informação porque precisamos dela para fazer qualquer coisa, e não ao contrário. O que fazemos ou queremos fazer é anterior e determina a informação recebida”, interpretará Trevarthen, contando, no fim, como todas estas descobertas são igualmente válidas para bebês cegos ou surdos. Como um bebê invisual reage ao canto da mãe e o acompanha com a mão. Como um bebê que nunca viu a mãe nem a sua própria mão a movimenta de acordo com a canção que está a ouvir, não por coincidência, mas intencionalmente. Porque ele sabe a canção. Porque quer fazer parte da canção.

### **Hisako, a pediatra do agora e do sempre**

Em 1997 foi fundadora de “Four Winds”, organização dirigida aos profissionais que trabalham com crianças e famílias, e em 2011 criou a Koriyama Post-disaster Child Care Project. Hisako Watanabe, pediatra e psicoterapeuta, trouxe o Japão, as suas vicissitudes e o modo como o pensamento de Colwyn Trevarthen e Stephen Malloch aí lançou raízes. Trouxe também uma palavra que engloba todo um conceito: Amae, termo japonês para a intimidade e, por arrasto, para tudo aquilo que a faz surgir. “É o verbo intransitivo para descrever o sentimento infantil perante o amor da mãe. Um princípio de coexistência, de interdependência e de apoio mútuo, que tem a ver com a sobrevivência, com a intimidade e com a compreensão tácita. E que não precisa de ser pedido para ser oferecido”, explica Hisako.

É dele que parte para nos contar as suas observações. Para nos falar da vida fetal, em que o bebê “não está sozinho, mas rodeado de líquido amniótico”. O nosso corpo fica marcado por este primeiro ambiente e temos memórias dele que podemos reviver sempre que o sentimento de segurança necessitar de ser reativado. Os japoneses, diz Hisako, conhecem bem a experiência da catástrofe. Sabem que “o universo tem um tempo que não volta para trás”, que os caos e a harmonia são constituintes cíclicos da nossa humanidade, que “a mentalidade é fluída” e que é preciso humildade e dignidade para lidar com o real. Duas guerras, duas

bombas atômicas, numerosos desastres naturais “tornaram-nos práticos e fizeram-nos olhar para os valores ancestrais”. O Haiku é conciso porque, se podemos não sobreviver, a mensagem deve ser curta.

No Japão, as mães dormem com os seus bebés. “Perante a agressividade da natureza, a intimidade japonesa desenvolveu-se deste modo”, explica Hisako Watanabe. Como se o bebé continuasse no útero. “É inusual no Ocidente, mas é a forma como nos preparamos para as dificuldades”. As comunidades são também elas uma espécie de útero coletivo, em que as crianças experimentam uma socialização intensa desde a mais tenra idade. Porém, nem sempre foi assim. A palavra ‘amae’ foi suprimida na geração da guerra, ao ponto de um rapaz com a irmã morta às costas ter de esperar direito e sem se mexer pela sua vez de a cremar - vimos essa fotografia. Após tempos de uma dureza tão extrema, como voltar a dizer ‘amae’?

Houve vários caminhos e o de Hisako incluiu ouvir estudiosos como Trevarthen. E a partir daí intervir no imaginário dos pais que pensam que os filhos vão morrer. A pediatra assistiu ao amor demorado, adiado, de pais inseguros e angustiados. Ajudou-os a entabuar esse vínculo. Viu mães a rejeitar os filhos por não conseguirem dominar o seu choro, e viu o choro a desaparecer perante o mínimo vislumbre de afeto e comunicação.

### **Cynthia, professora de uma língua chamada música**

Leciona na Michigan State University e especializou-se em música para a infância. Como tal, e na esteira dos ensinamentos de Edwin Gordon, sabe que a música se apreende como uma linguagem. Raramente, diz Cynthia Taggart, assumimos que a fluência musical necessita de um processo de aculturação, uma habituação às suas estruturas, de forma a ser possível antecipá-las e aplicá-las num discurso. “Somos fluentes ao ponto de poder expressar as nossas ideias por meio da música?”, questiona, respondendo: “Temos esse potencial, tal como acontece com a linguagem discursiva, mas muito raramente damos a possibilidade às pessoas de expressarem as suas ideias através da música: damos-lhes as ‘palavras’ dos outros, o que seria equivalente a lermos todos o mesmo texto, sem perceber o contexto, e com alguém a dirigir constantemente a nossa leitura.”

Antes de dar a conhecer as regras - a sintaxe - da linguagem musical, deve-se expor as crianças a uma aprendizagem informal. A um ambiente “rodeado de música”, rico em sonoridades, estilos, tonalidades, instrumentos. Por outro lado, a música é intrinsecamente comunicativa - precisa da comunicação, do brincar, do fazer de conta e da imitação. As

crianças “têm de imergir, explorar e gaguejar”, tal como no ensino de uma língua, de maneira a desenvolver um vocabulário. Só depois, sublinha a professora, se começa a aprendizagem formal. O contrário equivale a “construir uma casa sem as fundações”.

No entanto, é o que fazem a maior parte das escolas de música. Ensina-se sem gaguejar, a corrigir antes sequer de a criança ter explorado o suficiente para ter noção do ‘erro’. Abre-se logo o livro, sem questionar se ela tem ou não vocabulário musical suficiente para o compreender, e se o meio musical lhe é ou não estranho. “Temos de mudar os objetivos enquanto educadores. Investir na fluência, na independência musical, em vez de nos focarmos na reinterpretação”, conclui Cynthia Taggart. “A criança está pronta para que se espere dela apenas correção? Não. O sentimento tem de ser de alegria e não de luta.”

### **O que fica da colheita**

Agradecer é também ser capaz de prestar contas. Esta é a razão por que nasceu “Ecos de GermlnArte”, um livro grande, cheio de quatro anos de experiências, repleto de respostas e ainda de interrogações – porque nenhum caminho é definitivo. Chegar ao oitavo Encontro significa que existiram sete encontros anteriores. Que houve precursores, como o projeto Opus Tutti, desenvolvido nos quatro primeiros anos. Coube a Paulo Maria Rodrigues visitar todos estes passos. E explicar como todos eles tiveram origem num manifesto em que os intervenientes se propunham o seguinte: criar modelos de formação direcionados à primeira infância, que valorizassem a harmonia e tivessem qualidade excepcional “mesmo que pareçam utópicos”, que fomentassem a “qualidade de presença” e o desenvolvimento pessoal, que fossem imersivos, criando novos contextos, ajustando as ideias à realidade, promovendo a transversalidade e a interdisciplinaridade, que visassem polinizar a curiosidade e a motivação, o brincar em espaços abertos e em contacto com a natureza. Que fossem “plurais de forma a inspirar a singularidade”.

Havia dois objetivos: a formação imersiva, traduzida numa experiência de formação intensa de uma semana de duração, que no final tinha como objetivo um exercício performativo para pais e bebés. “Jardim Interior”, “Caleidoscópio” e “Dabo Domo” foram os três momentos conclusivos das formações. O outro objetivo era a criação das linhas para uma formação transitiva, isto é, a transmissão dos materiais elaborados, num modelo formativo que conseguisse viajar, circular pelo país todo. O processo era simples: bastava o pedido de uma instituição para, gratuitamente, ter disponível uma formação.

“O que foi germinado não ficou fechado”, disse Paulo Maria Rodrigues. Fizeram-se documentos com o intuito de estudar o que eles mostram, de perceber o que acontece com a criança no seio destas interações, assim como o que ocorre com o cuidador que a acompanha, que tipo de experiência partilhada daí surge, que tipo de espanto e de surpresa. “Há muita informação sobre o que fazer para as crianças, mas não sobre o que a criança faz quando fazemos algo para ela”, explicou Paulo. Nesse sentido, o documentário de Luís Margalhau veio mostrar o que, ao longo dos anos, GermlnArte conseguiu germinar.

### **Luís Portela, cientista paranormal**

E depois de tudo, por que não incluir uma conferência de Luís Portela, médico, docente e ex-presidente da Bial, sob o título “Da Ciência do Amor”, o seu mais recente livro? Por que não refletir sobre fenómenos como a parapsicologia, assentes numa dimensão a que apenas (pelo menos por enquanto) podemos aceder por meio dos afetos e da intuição? Pode um clínico, habituado ao método científico, abordar assuntos como a telepatia, a experiência de quase-morte, a existência de vidas passadas e a mediunidade? Poderá a ciência um dia demonstrar como todos estes fenómenos fazem parte da nossa existência neste mundo?

O médico trouxe exemplos de investigações em curso, por exemplo, sobre a comunicação telepática. “Em 2014”, contou, “Rupert Sheldrake fez um estudo com 53 voluntários. Cada era colocado numa sala sem contato com o exterior e indicava quatro amigos. De dez em dez minutos o telefone tocava e ele tinha de adivinhar qual deles estava a ligar, anotando o nome num papel. Fizeram-se 570 ensaios, e a percentagem média de acerto foi de 40%”. Luís Portela narrou também a pesquisa do psiquiatra Ian Stevenson, que se dedicou a investigar os relatos de vidas passadas. “Em 3 mil casos estudados, 68% destes demonstraram a existência das pessoas que a criança ou o adulto diziam ter sido.”

“Com dados deste tipo, deve dar-se continuidade à investigação, sempre com o rigor do método científico”, concluiu Luís Portela, frisando ser necessária uma “alteração do paradigma” no que toca à abordagem destes temas, mantendo “uma perspetiva mais abrangente, holística, capazes de admitir experiências diretas de menor objetividade”.

## Os Ecos de GermlnArte

Já o dissemos: finais e começos são irmãos recíprocos. E, no caso deste Encontro, que é um fim – um fim cheio de começos – o verdadeiro final está recheado de pistas para continuar a caminhar. Para isso foi escrito um livro, que compila as experiências vividas e as impressões recolhidas em quatro anos de trabalho. E que Guilherme d’Oliveira Martins apresentou, chamando a atenção para a origem grega da palavra ‘escola’: “‘Scholé’ significa ‘lugar de ócio’, no sentido da disponibilidade plena para aprender. E o desenvolvimento centra-se na ideia de aprendizagem.”

Ao seu lado, o Secretário de Estado da Educação, João Costa, falou dos três pilares em que se apoia a educação: “O primeiro é dar substância à palavra ‘sucesso’. O que é o sucesso? O segundo é a inclusão, porque não há sistema educativo de qualidade se for para os 10% dos alunos que aprendem até sem irem à escola. O terceiro é a educação para a cidadania – ou na cidadania. Uma escola que não capacita para o seu exercício pleno não serve.” A educação artística é “fundamental para os mais pequenos”, o sistema terá falhado se um aluno passar 12 anos na escola sem que esta o tenha ajudado a desenvolver a sensibilidade artística.

Para João Costa, “a arte serve para o bem-estar”, permite tomar boas decisões, mais guiadas pela emoção do que pela razão. Permite “desarrumar as disciplinas convencionais e pô-las a trabalhar umas com as outras”. Promove a “capacidade de se deslumbrar, inquietar e maravilhar”, assim como a inclusão, pois, no meio de um percurso escolar mais acidentado, a arte pode ser uma experiência de sucesso. Estimula o pensamento em liberdade, num mundo em que “nem a liberdade nem a cidadania são dados adquiridos”. Imagine um dia da sua sem ouvir uma nota musical, ou sem ver nada que reconheça como belo. Imagine um dia sem ler uma linha que esconda repercussões pessoais.

E assim, imaginando, abriu-se espaço para um jogo. Um jogo tão verdadeiro como a vida. Uma paisagem sonora criada com sons gravados, da qual todos podemos fazer parte. Escute, siga as instruções, participe. Aguarde que um pássaro de origami lhe pouse nas mãos. Diga as palavras que vê nele escritas, calmamente, a sussurrar. Ofereça o pássaro à pessoa que está perto de si. Cante, deixe que ele o ensine a cantar. Cante palavras, sílabas. Átomos vocais. Permaneça em silêncio até que o pássaro que tem dentro de si queira falar ou sair da sala. Estas forma as premissas para jogar, em jeito de metáfora do que foi feito até aqui.



A arte, pensamos enquanto nos deixamos estar – na verdade, foram poucos os que quiseram sair –, é um boomerang. Vai e volta. E não volta sendo a mesma. Os Encontros foram isto: um voltar a nós não sendo os mesmos.